

NOVOS CONTACTOS COM INDIOS ARARA E SERINGUEIROS  
DO ARIPUANÃ

Março de 1986

1- INTRODUÇÃO:

Cumprindo o programa estabelecido após a IIIª Assembléia do CIMI-Regional, teve início no dia 09/03/1986 a viagem ao município e região de Aripuanã com o objetivo de contactar índios Arara e seringueiros.

Numa apressada reunião no dia 08/03 junto com a CPT-RO, acertou-se a partida imediata de Fe Manuel, ficando estipulado que logo se juntaria à ele J.C. Gadelha. O objetivo da ação conjunta foi o de dar início a um trabalho de organização dos seringueiros, ou ao menos, encaminhar dados e informações à CPT-MT (responsável pela pastoral da terra daquela região). Porém devido à compromissos em Porto Velho, surgidos posteriormente, o representante da CPT não pode viajar. E no dia 13/03 seguiu Mário para auxiliar nestes contactos.

A presença de Betty Mindlin (avaliadora do Polonoroeste) nesta viagem não foi possível.

2- VIAGEM À REGIÃO:

Fe Manuel que saíra de Porto Velho no dia 09/03, parou em Cacoal para uma reunião com padres e irmãs visando a organização da semana do Índio. Seguindo viagem chegou na cidade de Aripuanã dois dias depois, e no dia 12/03 conseguiu carona num barco, descendo o rio Aripuanã até a casa do seringueiro Onório. Permanecendo na região por três dias encontrou-se com diversas famílias indígenas e seringueiros. No dia 15/03, quando retornava à cidade pela estrada de Panelas, encontrou-se casualmente com Mário (a Kombi na qual viajava quebrou e foi preciso passar uma noite e um dia vigiando-a). Passaram esta noite na nova sede da Empresa Coniza e no dia seguinte seguiram de carona para a cidade de Aripuanã.

### 3- CONTACTO COM SERINGUEIROS:

Durante a viagem pelo rio Aripuanã percebeu-se um ambiente muito tenso entre os seringueiros, quase apavorados. As mudanças por lá tem acontecido mais rápido do que podemos pensar. Do último encontro com os mesmos em outubro/85 para cá, muitas coisas graves ocorreram deixando os seringueiros em condições totalmente insatisfatórias.

O principal líder e representante do grupo, conhecido como 'Carioca', morreu no início do ano em Vilhena após uma operação de hérnia em Juína. Sua esposa ainda na área ocupada pela Coniza, está desesperada. São nove filhos e nenhum em condições de trabalhar.

Outro líder, o Sr Onório, que perdera um filho no garimpo recentemente acabava de perder outro (Damião de 12 anos). O acidente foi num caminhão caçamba da colonizadora Coniza. Um tanto desorientado e querendo abandonar o local o mais rápido possível, assinou um documento para a firma cedendo a área que morava e seringueira por R\$50.000,00. Porém os sete anos de trabalho ainda não foram pagos apesar das promessas (salários, despesas e/ combustível, contribuição em mercadorias).

Junto com Sr. Onório saíram as famílias de seus filhos e genros (Raimundo de Oliveira; Pedro Bragança dos Anjos; Antônio Cordeiro; Vicente e Elias). Todos seringueiros com colocações abaixo e acima à daquele e que ficam dentro da área de posse atualmente, da colonizadora Coniza. Deixaram todos os seus pertences e benfeitorias no local, e sem a presença do Sr. Onório estão com medo de retornar.

Contribuiu para esses temores, o modo violento com que foram despejadas algumas famílias no final do ano passado. Através da polícia de Aripuanã e de Joaquim (capanga de Marinho Brandão e outros grupos), foram queimadas cinco casas de seringueiros e índios Arara forçando-os à saírem do local com as mãos totalmente vazias. Estes estão agora espalhados nos garimpos e outros lugares, sem condições de retornarem a suas colocações e roçados.

Os que ficaram estão em situação difícil e com muito me-

do pois continuam sofrendo fortes pressões. João Damásio mora sozinho com a mãe (c/ mais de 80 anos) e apesar de ter ficado à crua está disposto à resistir. Alonso Garrido e toda a sua família estão doentes, e Euclides que teve seu barraco queimado, está pela cidade com a esposa enferma por causa de uma fratura. Ademar de Almeida, Origó, Ocimir, Maranhão, Ocimar e outros passam também por sérios problemas e pressão.

Pelo que se tem visto, se os seringueiros não forem ajudados dificilmente resistirão ao jogo (de expulsão ou cooptação), dos grandes proprietários. A colonizadora Coniza com seus milhares de hectares está com uma cidade praticamente pronta e a estrada construída recentemente, só trouxe até o momento prejuízos e doenças aos seringueiros (os únicos beneficiados continuam sendo os de fora).

Nos encontros com o Sr. Onório na cidade de Aripuanã, após sua mudança, foram colhidas informações para se tomar alguma providência. Numa longa conversa ele e a esposa ainda mostravam o estado abalado em que se encontram com a morte do filho. Repetira que ao sair da firma assinara um documento onde o gerente "fez tudo certinho pagando os meus direitos" (colocação). Porém ainda faltava lhe pagarem os anos de serviços, dar a casa que lhe ofereceram ao sair e ajudar nos transportes. Afirmou também durante esta conversa, que se forem ajudados os seringueiros que saíram vão voltar, pois a única coisa que sabem fazer é trabalhar na seringa.

A fita com a gravação dessa conversa se encontra no CIMI-RO. Uma cópia da mesma, juntamente com relação de nomes e situação dos seringueiros, foi reproduzida pelo sr. Osmar e esposa. Como representante do IBDF e com o respaldo da prefeitura local, encaminhará com estes dados um documento à órgãos de Cuiabá e Brasília, solicitando providências.

#### 4- CONTACTO COM INDIOS ARARA:

Na descida pelo Aripuanã foram feitos contactos com os índios situados ao longo desse rio. Não foi possível chegar até o rio Guariba, mas através de informações em aripuanã soube-se que Hilton Campos (primo do governador) está vendendo terras na região

reivindicada pelos índios, à colonos trazidos de fora.

Desde 1910, quando se supões foram feitos os primeiros contactos através de seringalistas, os índios dos rios Aripuanã, Branco e Cuariba foram forçados a sair para diferentes partes do Amazonas Mato Grosso e Rondônia (afirmam inclusive que um grupo diante das ameaças embrenhou-se mata adentro). Porém nem todos saíram, resistindo no lugar. E junto com outros que retornaram principalmente na década de 1960, por não suportarem as condições sub-humanas nas cidades, continuam sem qualquer assistência até hoje.

Atualmente à espera da legalização de suas terras, trabalham em roçados e colocações de seringa. As frentes de expansão não param, e nesta viagem foram encontradas algumas placas no local: "Gleba Piranha II". Estão sendo usados como mão-de-obra barata, principalmente porque os trabalhadores de fora não suportam as condições do local (malária, mosquitos e demais parasitas).

Alguns vivem em condições muito difíceis, se locomovendo de um lugar para outro sem parar, à procura de um lugar que lhes deem mínimas condições de se fixar. Eduardo que teve seu barraco queimado está no garimpo novamente. Zé Rapadura (filho de D. Guilhermina, que foi forçada a sair de sua terra por Marinho Brandão) está também no garimpo, depois de ter trabalhado com carteira assinada durante onze anos para o mesmo latifundiário. Porém, não recebeu absolutamente nada ao sair.

No dia 17/03 na cidade de Aripuanã foram visitadas outras famílias indígenas. Com certa dificuldade foi encontrada a casa de D. Guilhermina (tinha se mudado do barracão anterior). Seu filho Nonato estava muito mal de saúde e sofria constantemente, ataques que lhe abalavam todo o corpo (parecidos com ataques epiléticos). Foi sugerido que Nonato fosse levado para o hospital da Funai em Vilhena, onde poderia fazer um tratamento adequado (o que foi aceito imediatamente).

Depois, na casa de Rodrigo e Anita constatou-se que a saúde ali também, não era das melhores. Rodrigo que estava muito fraco tinha remédios para serem tomados até junho, quando deverá retornar ao hospital para nova consulta. O filho mais jovem, Raimundo, com problemas de pulmão só tinha medicamentos para mais nove dias

(foram anotados os nomes dos remédios para tentar enviá-los de Vilhena). O filho Manuel concordou em viajar para vilhena para se recuperar de uma operação não sicatrizada, e que vem lhe causando sérios problemas.

Estas famílias já estão revoltadas e sem muita esperança de que receberão ajuda para retornarem as suas terras.

#### 5- VIAGEM DE RETORNO:

De Manuel e Nonato que saíram de Aripuanã no dia 17/03, não fizeram uma viagem tranquila até Juína. O garoto teve uma série de ataques convulsivos, e somando-se outros problemas, acabaram perdendo o ônibus para Vilhena. No dia seguinte à tarde Mário e o índio Manuel se juntaram à eles, e os quatro passaram esta noite em Juína. Na manhã seguinte seguiram para Vilhena, e a viagem apesar de cansativa e cheia de atoleiros foi calma, pois Nonato não teve novas crises.

Em Vilhena com o auxílio das irmãs Filipinas, os índios foram deixados no hospital da Funai. O prédio externamente bem organizado, deixou esperanças de que os garotos tenham uma boa recuperação e fortalecimento. (na ocasião tentou-se assegurar que os remédios de Raimundo fossem enviados à Aripuanã, porém isso não ficou certificado).

#### 6- FINALIZAÇÃO:

Desde 1983 o CIMI vem fazendo contactos na região de Aripuanã. À princípio foi-se tendo um conhecimento da situação desses índios Arara, apenas pelas viagens para contactação de índios isolados das proximidades. Mas com o tempo, a sequência de encontros e o elevado número de dados permitiu ter um conhecimento profundo sobre os índios e a região. Vários relatórios já foram enviados ao órgão oficial (o último em 17/10/85) pelos quais já seria possível iniciar um trabalho de delimitação da área indígena. Foram feitos contactos também com outras entidades para uma devida assistência à seringueiros e colonos.

Porém nenhuma medida têm sido tomada.

Os índios interrogam como ficará sua situação diante de

tantas ameaças. Eles tem questionado as seguidas retiradas de seringueiros e temem que o mesmo aconteça consigo. As castanheiras e seringueiras da região vêm sendo derrubadas muito rapidamente, e a caça e pesca se tornam cada dia mais difícil.

Com a velocidade que a região vem sendo ocupada, até mesmo as partes reivindicadas por eles brevemente estarão invadidas (apesar do último pedido de delimitação de área ter sido remodelado, exatamente para evitar esses problemas de desapropriação). A estrada e pista de pouso (construída pelos próprios índios) não seriam inpecilhos para a delimitação porque ficam fora de suas áreas (fazenda do governador Júlio Campos). Aliás, até acreditam que possam vir a beneficiá-los futuramente em caso de emergência.

Estão preocupados não só com a situação momentânea, mas também com o futuro de seus filhos. Nos últimos tempos as enfermidades aumentaram bastante e jamais recebem qualquer assistência: "o que os pequenos recebem desde muito cedo, é a faca prá trabalhar na seringa!".

Exigem a demarcação e regularização de suas terras. Garantem que não vão sair para parte alguma, apesar das pressões que sofrem.

Quanto aos seringueiros, não ficam dentro da área indígena. Mas grandes proprietários já os têm forçado a abandonar o lugar de suas colocações; alguns acabam sendo utilizados como mão-de-obra barata.

Até quando o Programa Polonoroeste e a Funai, responsáveis pela fiscalização na região e assistência aos índios, vão se fazer de cegos?

*Pe. Manuel Salazar T.*  
CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO

REGIONAL RONDÔNIA

*Mário Antônio Silva*  
Conselho Indigenista Missionário - RO

Rua Dom Pedro II, 650

Cx. Postal 121 - Fone: (067) 291-9175

CEP 70.900 - Porto Velho - RO

OUTRA INFORMAÇÕES COLHIDAS DURANTE A VIAGEM À ARIPUANÃ:

-- Pela região e cidade ocorria uma grande agitação, pois havia-se espalhado a notícia de que dois carros do exército estavam à procura de plantações de maconha. Porém, com a Sr<sup>a</sup> Lourdes (esposa de Osmar do IBDF), ficou-se sabendo que os carros que tinham subido em direção ao Guariba não eram da Polícia Federal, e sim do IBDF. Localizaram laboratórios numa fazenda onde traficantes (de propriedade de um brasileiro e um peruano) trabalhavam na produção e tráfico de cocaína, estando no local noventa e um barris de óleo. Na mesma fazenda ainda haviam plantações de maconha. Os proprietários tinham conseguido fugir, mas diante da dimensão do caso, solicitou-se reforços da Polícia Federal. Quando estes chegaram o material inflamável foi explodido, depois de ter sido laudado e fotografado.

-- Passando pela casa da CEAN em Aripuanã, houve um encontro com Joãozinho. Falando sobre a situação na área dos Cinta-larga, informou que os índios mataram três brancos (garimpeiros), e estavam organizados militarmente para defender seus direitos. Estas notícias, pela região, ainda eram desconhecidas.

Na ocasião, convidou o CEMI-BO p/ participar de um encontro de 20 à 25/07/86 em Cuiabá, sobre índios arredios e isolados.

-- Em Juína havia a denúncia de que a colonizadora Philaúlfia estava vendendo terras dentro da A. I. Serra Morena. Alguns colonos ao deparar com roçados indígenas e placas da Funai, abandonaram o lugar assustados e procuraram a paróquia para passar a informação. Porém nenhuma autoridade ainda havia sido informada.

-- Na passagem de volta por Juína foi gravada uma conversa com um trabalhador rural. Denunciou a ocorrência de trabalho semi-escravo na tal fazenda e as dificuldades por que passavam (para maiores esclarecimentos utilizar fita que se encontra no Regional).

-- Em Aripuanã havia certa indignação pela indicação de Milton Campos (grileiro das terras do Guariba) p/ Dep. Federal.

*Manoel José*

*Pe. Manuel Valdez T.*